PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 17. n. 3 (2026), p. 68-80 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v17i3.76521

ÉTICA DA IRRELEVÂNCIA E DA HUMILDADE DE PENSAMENTO NO PESSIMISMO CÓSMICO DE EUGENE THACKER

ETHICS OF IRRELEVANCE AND HUMILITY OF THOUGHT IN EUGENE THACKER'S COSMIC PESSIMISM

Edilene Marques dos Santos[1]
André Vasques Vital[2]

Resumo:

Este artigo sugere uma Ética Ambiental sob a perspectiva do Pessimismo Cósmico proposto por Eugene Thacker, conceito que vem ganhando destaque em determinados meios intelectuais e artísticos e que demonstra um foco crescente pela Terra como uma entidade autônoma e por um interesse ampliado pelo não humano. Para esse filósofo, os grandes desafios da crise ambiental e a aparente indiferença do cosmos aos nossos esforços para superá-los pode evocar um sentimento de insignificância primordial da ação humana. Nesse contexto, fica evidente a desproporção entre a agência humana e as vastas forças cósmicas e temporais que moldam o planeta, uma visão plenamente consonante com a lógica do mundo-sem-nós. Por meio da lente do Pessimismo Cósmico, o autor vê o mundo como algo não uno, mas possivelmente múltiplo e que talvez nem seja para nós. A aceitação humana da própria irrelevância diante da crise ambiental pode trazer uma certa liberdade e introdução de humildade no pensamento levando-nos a repensar de maneira radical nossa postura em relação ao planeta. Assim, o pessimismo surge como uma forma de reorganizar sem esperança, adaptar e dissolver as formas de organização para coexistir de maneiras alternativas com a Terra.

Palavras-chave: Ética ambiental; realismo especulativo; pessimismo cósmico; mundo-sem-nós; humildade de pensamento

Abstract:

This article proposes an Environmental Ethics grounded in the perspective of Cosmic Pessimism as articulated by Eugene Thacker—a concept that has gained increasing prominence in certain intellectual and artistic circles, reflecting a growing focus on Earth as an autonomous entity and a heightened interest in the non-human. For Thacker, the profound challenges of the environmental crisis, coupled with the apparent indifference of the cosmos to our efforts to overcome them, evoke a sense of the fundamental insignificance of human action. In this context, the disproportion between human agency and the vast cosmic and temporal forces shaping the planet becomes evident—a view fully aligned with the logic of the "world-without-us." Through the lens of Cosmic Pessimism, the author conceives the world not as a unified whole, but as potentially multiple and perhaps not meant for us at all. Accepting our own irrelevance in the face of the environmental crisis may thus bring a certain freedom and introduce humility into thought, prompting us to radically rethink our stance toward the planet. Consequently, pessimism emerges as a way to reorganize without hope, to adapt, and to dissolve established forms of organization, enabling alternative modes of coexistence with Earth.

Keywords: Environmental Ethics; Speculative Realism; Cosmic Pessimism; World-Without-Us; Humility of Thought

[1] Mestranda em Ciências Ambientais no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (PPGSTMA) da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). E-mail: edilene.mrqs@gmail.com, Lattes: http://lattes.cnpq.br/6003928387867186

[2] Doutor em História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (PPGSTMA) da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). E-mail: vasques_vital@tutanota.com, Lattes: http://lattes.cnpq.br/0204259202669872

Introdução

O conceito de Pessimismo Cósmico formulado por Eugene Thacker em sua obra *Cosmic Pessimism* (2015) está alinhado ao Realismo Especulativo, desafiando o antropocentrismo, que historicamente contribuiu para as crises ambientais ao ignorar o mundo não humano. Shagalinov (2019) diz que essa crítica às visões que colocam o ser humano no centro, seja em abordagens mitológicas, teológicas ou existenciais, são insuficientes para compreender a totalidade dessas crises. A filosofia de Thacker busca desenvolver um pensamento que transcenda o controle e o entendimento humano.

Os realistas especulativos como Thacker se unem pelo compromisso com um realismo ontológico, que busca restaurar a dignidade da investigação metafísica. Possuem como intuito derrubar a premissa que fundamentou grande parte do pensamento do século XX de que os fenômenos dependem da mente para existir. Para essa corrente filosófica, o mundo em si, aquele que existe independentemente de nós, não pode ser contido ou limitado pela questão do nosso acesso a ele (Shaviro, 2014). Essa abordagem exige pensar o "mundo-sem-nós", o mundo subtraído das nossas preocupações e que não é subserviente a elas. Isso também implica criar uma nova imagem do pensamento que não seja limitada por parâmetros antropocêntricos. Ao reavaliar a metafísica e questionar o antropocentrismo, é possível oferecer um enquadramento filosófico que reconheça a urgência das crises ambientais e a necessidade de entender o mundo de uma forma mais interconectada e não humana, onde todas as entidades, humanas e não humanas, compartilham um *status* ontológico e valores intrínsecos.

Diante da crise ambiental que permeia o contexto atual, torna-se evidente a necessidade de desenvolver uma Ética Ambiental que possa ajudar a reorientar a forma como nos relacionamos com o mundo, evidenciando limites e reconsiderando atitudes sobre a relação entre humanos e não humanos. Assim, este artigo tem como objetivo sugerir uma ética ambiental sob a perspectiva do Pessimismo Cósmico proposto por Eugene Thacker. Este conceito tem ganhado destaque e demonstra um foco crescente na Terra como entidade autônoma, bem como um interesse ampliado pelo não humano.

Percebe-se que as tentativas atuais de enquadramento filosófico da crise ambiental parecem insuficientes para abranger a sua realidade total. O pessimismo, nesse contexto, surge não como desespero, mas como uma forma de reorganizar sem esperança, adaptar e dissolver as formas de organização para coexistir de maneiras alternativas com a Terra. O ser humano não deve ser visto como o "herói" que salvará o planeta, mas sim como alguém que precisa aprender a "morrer" de forma criativa e justa, adaptando-se e mudando para coexistir de forma mais harmoniosa com a Terra.

A construção da análise conta com um primeiro tópico que aborda principalmente a corrente filosófica do Realismo Especulativo e contextualiza a obra de Eugene Thacker dentro dela, destacando sua crítica ao antropocentrismo e sua abordagem do "horror enquanto filosofia". O segundo tópico dedica-se a detalhar e diferenciar os três tipos de pessimismo propostos pelo autor: o Moral, o Metafísico e o Cósmico. O terceiro tópico aprofunda-se na conceituação do "mundo-sem-nós", explorando suas implicações sobre a extinção e a necessária humildade no pensamento humano. O último tópico explora as ramificações do Pessimismo Cósmico para o campo da Ética Ambiental, propondo uma reorientação radical do pensamento humano diante da crise ambiental.

Realismo Especulativo e Novos Materialismos: Situação da Filosofia de Thacker

O Realismo Especulativo é um novo enfoque filosófico que surgiu rompendo com a ideia de que nossa compreensão da realidade encontra-se sempre conectada à nossa capacidade de percebê-la, ou seja, nessa visão, a existência e o mundo independem da percepção ou do pensamento humano. O elo entre os filósofos associados a essa nova corrente é a crítica, sob diferentes formas, ao chamado dogma correlacionista, dominante na filosofia desde Kant (Shaviro, 2014; Laugesen, 2020). Em termos simples, o Correlacionismo impõe uma restrição ao pensamento, ao afirmar que só é possível conhecer e refletir sobre os aspectos da realidade que podem ser apresentados de forma inteligível e significativa para os seres humanos.

Segundo Shaviro (2014), o termo "Realismo Especulativo" refere-se a um conjunto de desenvolvimentos recentes na filosofia continental e que começou a ganhar destaque a partir de 2007 com a realização de uma conferência, frequentemente considerada seu marco inicial. Está intimamente relacionado ao conceito de "Novo Materialismo", propondo uma nova maneira de entender a relação entre a humanidade e o mundo material. Quatro pensadores são habitualmente citados como os pioneiros desse movimento: Quentin Meillassoux, Graham Harman, Ray Brassier e Iain Hamilton Grant.

Sheldon (2016) diz que esse novo enfoque filosófico é amplo e abrangente e cita como exemplo a Ontologia Orientada a Objetos. Apresenta-se como uma "virada ontológica", procurando restaurar a importância da ontologia (o estudo do ser) em oposição à epistemologia (o estudo do conhecimento), que dominou a filosofia do século XX. Para essa autora,

> Object oriented ontology, in other words, is paradigmatically ontological. It styles itself as the premiere ontological turn, the Robin Hood come to decommission the turnkey of epistemology and release us from the prison of language, meaning, discourse, and power (Sheldon, 2016, p. 138).

A Ontologia Orientada a Objetos se propõe a especular para além do humano, explorando o mundo não humano sem se prender a teorias de mediação ou sistemas de conhecimento humanos. Sua concepção de realismo sobre o que não pode ser conhecido assume a forma de misticismo apofático (também chamado de teologia negativa ou misticismo das trevas) É importante notar que os "Novos Realismos", incluindo o Realismo Especulativo, embora alinhados ao materialismo, são também influenciados por correntes herméticas e ocultistas.[3]

[3] O misticismo das trevas, também denominado misticismo apofático ou teologia negativa, é uma vertente dos novos realismos que se estabelece como um realismo de limites, concentrando-se no que não pode ser conhecido. Caracteriza-se pelo uso de construções negativas para dar forma a uma positividade que é estritamente incognoscível e indescritível. Assim como os objetos na Ontologia Orientada a Objetos (OOO) se retiram, o misticismo das trevas propõe que o divino ou a realidade externa se retira, permanecendo inacessível. Essa perspectiva baseia-se na presunção de que existe um "fora" do mundo sensível que não pode ser acessado e que, de qualquer forma, nada tem a ver conosco, podendo ser um vazio hostil ou um espaço sagrado. Para Eugene Thacker, essa dinâmica é um "correlationismo das trevas", onde o que se sabe é a própria ignorância. Thacker avança para uma "escuridão superlativa", que questiona a própria ideia do "fora", sugerindo que talvez não haja "nada para saber", ou que o "fora" seja monótono, indiferente e profundamente insignificante, ou até mesmo inexistente. Essa apreensão de uma indiferença avassaladora e a impossibilidade de

Tanto a Ontologia Orientada a Objetos quanto o misticismo apofático partem da presunção de exclusão: há um "exterior" ao mundo sensual que não pode ser acessado e não tem relação conosco. O que sabemos é nossa própria falta de conhecimento (Sheldon, 2016).

Eugene Thacker, autor da obra *Cosmic Pessimism* (2015), que é o foco de nosso estudo, é reconhecido como um filósofo do Realismo Especulativo e sua obra se insere no que podemos chamar de "horror enquanto filosofia". Laugesen (2020) afirma que esse filósofo norte-americano está ligado ao niilismo e ao pessimismo cósmico, dois conceitos filosóficos que estão ganhando atenção entre alguns grupos intelectuais e artísticos. Essas ideias refletem uma tendência atual do *zeitgeist* (espírito do tempo), marcada por um foco crescente na Terra como uma entidade autônoma e por um interesse ampliado pelo não humano.

O foco de Thacker não é uma "filosofia do horror", mas sim o "horror da filosofia". Isso porque, ao tratar da relação entre horror e filosofia, ele não busca estabelecer uma disciplina sistemática voltada para a análise do gênero literário e cinematográfico. Em vez disso, investiga os próprios limites da filosofia ao explorar esse território. O horror é entendido não como um sentimento humano, mas como uma forma enigmática de pensar o desconhecido, tornando-se um meio de revelar o ponto extremo do pensamento, isto é, aquilo que ele não pode compreender plenamente e que seria capaz de nos guiar para o mundo-sem-nós (Shalaginov, 2019).

Segundo Shalaginov (2019), Thacker argumenta que a tentativa de entender um mundo cheio de desastres tem raízes profundas na cultura ocidental, e isso se manifesta por meio de três formas principais de interpretação: mitológica, teológica e existencial. A interpretação mitológica, como na tragédia grega, vê o mundo como algo familiar, mas também enigmático, às vezes controlado por divindades. A teológica, predominante na Idade Média, interpreta o mundo sob uma ótica moral, centrada na ideia do mal. Já a abordagem existencial, surgida com o avanço da ciência, o capitalismo e a "morte de Deus", concentra-se na angústia e responsabilidade humanas diante do mundo.

Percebe-se que, embora pareçam ultrapassadas, essas visões continuam ativas em nossa sociedade: a mitológica por meio das mídias, a teológica em ideologias religiosas e políticas, e a existencial em práticas de autoajuda e consumo. No entanto, todas compartilham uma limitação já que são antropocêntricas e, ignoram ou hierarquizam o mundo não humano, contribuindo para crises como a climática, diante das quais a possibilidade da extinção humana se torna uma ameaça constante. Thacker, assim, aponta para um "apocalipse virtual", alimentado por nossa dificuldade de pensar o mundo sem nos colocar no centro (Shagalinov, 2019).

A primeira parte do livro *Cosmic Pessimism* estabelece a natureza e as características fundamentais do pessimismo, distinguindo-o de outras formas de pensamento e explorando suas diversas manifestações. Tal pessimismo é descrito como o "lado noturno do pensamento", um "melodrama da futilidade do cérebro" e uma "poesia escrita no cemitério da filosofia". É visto como a "forma mais baixa de filosofia", frequentemente desprezado e descartado como um "sintoma de uma má atitude" (Thacker, 2015, p. 3). Não é algo considerado necessário como o otimismo, mas todos o confrontam em algum momento da vida, seja como filosofia ou como

provar o contrário culminam em um pessimismo cósmico, que postula um abismo irrevogável entre o pensamento e o mundo (Rebekah Sheldon, 2016).

queixa. Dessa forma, o pessimista é geralmente considerado apenas aquele que reclama, mas muitas vezes é o mais silencioso dos filósofos.

Além disso, pode-se afirmar que Thacker explora o conceito de pessimismo de uma maneira inovadora, permitindo distanciá-lo das tradições filosóficas convencionais e apresentando-o como uma atitude existencial de futilidade e desencanto. No decorrer da obra, são discutidos diferentes tipos de pessimismo, incluindo o Moral, o Metafísico e o Cósmico. O terceiro é centrado na ideia do "mundo-sem-nós". Essas visões pessimistas são conectadas com expressões artísticas, como a literatura e a música. Nota-se que pensadores como Schopenhauer, Nietzsche e Cioran têm suas perspectivas comparadas, ressaltando as nuances e limitações que permeiam suas abordagens. Tal exploração, ao mesmo tempo sombria e poética, reflete sobre a futilidade da existência diante de um universo vasto e indiferente. Portanto, é uma investigação sobre a natureza da consciência, do sofrimento e da busca por significado em um mundo aparentemente impassível.

A obra de Eugene Thacker surge em um cenário sócio-histórico de crise ecossocial, atravessado por guerras, colapsos econômicos, ameaças nucleares e degradação ambiental, fatores que colocam em xeque o papel do ser humano no mundo. Em *Cosmic Pessimism*, a perspectiva filosófica é definida mais como um estado de espírito ou uma atitude existencial do que como uma teoria formal. Essa disposição se caracteriza pela recusa ao que é visto como a ilusão fundamental da filosofia: o "como se". Esse engano flui através de atitudes como pensar como se houvesse utilidade, agir como se fosse possível causar impacto, falar como se ainda houvesse algo a ser dito e viver como se não estivéssemos, de fato, sendo vividos por uma espécie de não entidade "murmurante, sombria e enlameada". Assim, para o autor há um abismo entre o pensamento e o mundo, e uma irrelevância estrutural que permeia a atividade filosófica (Sheldon, 2016).

Cosmic Pessimism pode ser considerada uma meditação lírica e fragmentada sobre as múltiplas faces do pessimismo, especialmente aquele que emerge de uma consideração do mundo e do cosmos numa escala desumana. A futilidade, a indiferença e a inevitabilidade do fim, muitas vezes vêm através de metáforas ligadas à decadência, à noite, ao silêncio e à própria incompletude do pensamento e da vida. Tais metáforas sugerem, mesmo com seu teor intrinsecamente pessimista, que a consciência da própria finitude e da potencial hostilidade do cosmos pode induzir uma forma de aprendizado: a aceitação da falta de controle sobre as forças naturais e cósmicas que moldam a nossa realidade.

Os Três Pessimismos: Moral, Metafísico e Cósmico

Eugene Thacker propõe a existência de três tipos de pessimismo: Moral, Metafísico e Cósmico, cada um com características e alcances filosóficos distintos. Dekeyser (2020) argumenta que esse filósofo é fortemente associado a um tipo de pessimismo que o distingue de outros. Em sua concepção, existe o Pessimismo Moral com característica subjetiva e que considera o mundo arquitetado de acordo com a nossa imagem. E o Pessimismo Metafísico, objetivo e que concebe o mundo como o pior mundo possível. Ambos são filosoficamente comprometidos por falharem em situar os seres humanos num mundo não humano maior, estando ligados ao que ele chama de uma "ilusão antropocêntrica". Em contraste, há a busca por um "Pessimismo Cósmico" que seria uma tentativa de conceber um "mundo-sem-nós". Esse pessimismo é marcado pela indiferença do cosmos e afetos

impessoais, por isso reconhece a impossibilidade de haver uma história humana coerente e compreensível sobre ele. Para Thacker, o Pessimismo Cósmico seria uma "introdução da humildade no pensamento".

O Pessimismo Moral é descrito na obra *Cosmic Pessimism* como algo subjetivo e focado na perspectiva humana. Tal perspectiva vê o mundo feito à sua própria imagem, concebendo-o como um "mundo-para-nós". O problema, portanto, residiria nesse solipsismo dos seres humanos, comprometendo-o por não conseguir situar o ser humano dentro de um contexto não humano maior. A premissa central do Pessimismo Moral é que "seria melhor não ter nascido". Assim, o pessimismo, incluindo a vertente moral, pode cristalizar-se em torno da futilidade, manifestando-se como uma "misantropia generalizada sem o anthropos" (o elemento humano).

Quanto ao Pessimismo Metafísico, Eugene Thacker o define como algo objetivo e que afirma a própria natureza do mundo. A premissa aqui é que "este é o pior de todos os mundos possíveis". O problema seria o solipsismo do mundo, que é objetificado e projetado como um "mundo-em-si". É filosoficamente comprometido por falhar em reconhecer a cumplicidade na própria afirmação do realismo. Tal visão é associada a Schopenhauer, já que este afirma que a própria existência é fundamentalmente problemática, caracterizada por sofrimento, nulidade e futilidade, indo além das questões meramente individuais ou humanas. Tanto o Pessimismo Moral quanto o Metafísico indicam a existência de um outro tipo de pessimismo, o Pessimismo Cósmico, que, como dito anteriormente, não é subjetivo nem objetivo, nem "para-nós" nem "em-si", mas sim um pessimismo do "mundo-sem-nós".

Segundo Thacker, na obra *In the Dust of this Planet* (2011), o que existe é apenas um mundo indiferente à nossa existência como seres humanos, não importa o quanto tentemos modificá-lo, moldá-lo, aperfeiçoá-lo ou até salvá-lo. Essa perspectiva pode ser nomeada como cósmica, mas também pode ir além sendo chamada de Pessimismo Cósmico, representando uma espécie de misticismo sombrio do mundo-sem-nós, um hermetismo ligado ao abismo, um ocultismo do indizível e incompreensível. É o pensamento extremo do mundo como algo radicalmente desumano. Esse pensamento chega ao seu limite com a concepção do nada absoluto, algo que se manifesta inconscientemente em diversas imagens populares veiculadas pela mídia como, por exemplo, as de guerras nucleares, os desastres naturais, as pandemias globais e os efeitos catastróficos das mudanças climáticas.

O Pessimismo Cósmico é introduzido por Thacker como um tipo de pessimismo que vai além do subjetivo (Moral) e do objetivo (Metafísico), sendo um pessimismo do "mundo-sem-nós". É focado no cosmos e na "necessidade e possibilidade de ordem". Os contornos desse pessimismo envolvem uma "drástica mudança de escala" do ponto de vista humano, focando na "orientação não humana do espaço profundo e do tempo profundo", marcada por uma "insignificância primordial". Nesse tipo de pensamento, a futilidade é um tema central, surgindo da "suspeita sombria de que, por trás do manto de causalidade que estendemos sobre o mundo, existe apenas a indiferença do que existe ou não existe" (Thacker, 2015, p. 15 – tradução nossa). Para Thacker,

> The logic of pessimismo moves through three refusals: a no-saying to the worst (refusal of the world-for-us, or Schopenhauer's tears); a yes-saying to the worst (refusal of the world-in-itself, or Nietzsche's laughter); and a no-saying to the for-us and in-itself (a double refusal, or Cioran's sleep) (Thacker, 2015, p. 12).

Uma das principais ideias do Pessimismo Cósmico é a crítica à ideia de progresso linear, que frequentemente é associada ao desenvolvimento humano. Thacker argumenta que o otimismo acerca do futuro e das capacidades humanas de resolução de problemas ignora um fato inescapável: o universo é governado por processos que estão além do controle e da compreensão humana. O reconhecimento da inevitabilidade do sofrimento e da morte, tanto em uma escala individual quanto coletiva, não é meramente pessimista, mas uma aceitação da realidade da condição humana. A fragilidade da vida é ressaltada através de uma contemplação do espaço vazio e do tempo infinito que se estende além da existência humana, revelando a ilusão de que o progresso pode ser linear ou mesmo sustentável.

Na obra de Thacker, o Pessimismo Cósmico é conceituado como uma perspectiva que escapa às categorias tradicionais do pensamento filosófico. Tal concepção encontra eco nas projeções mais severas da crise climática, que delineiam um futuro em que a Terra persiste, possivelmente sob formas profundamente alteradas, mas desvinculada da presença e da centralidade humana. Trata-se, assim, de um cenário em que o mundo continua a operar de maneira autônoma, indiferente às demandas, valores ou à própria existência da humanidade.

Quando vêm à tona os desafios da crise ambiental e a aparente indiferença do cosmos aos nossos esforços para superá-los, é evocado um sentimento de insignificância primordial da ação humana. O Pessimismo Cósmico propõe uma ruptura com a centralidade do ponto de vista humano ao sugerir uma "drástica escalada para cima ou para baixo" em relação à nossa posição no cosmos, orientando-se por uma perspectiva "não humana do espaço profundo e do tempo profundo" (Thacker, 2015, p. 13 – tradução nossa). Tal orientação torna-se particularmente pertinente diante da magnitude da crise climática, cujos efeitos se desdobram em escalas geológicas e planetárias. Nesse contexto, as iniciativas e preocupações humanas tendem a adquirir um caráter de irrelevância, evidenciando a desproporção entre a agência humana e as vastas forças cósmicas e temporais que moldam a Terra — uma visão plenamente consonante com a lógica do “mundo-sem-nós”.

O “Mundo-Sem-Nós”: Extinção, Indiferença e a Humildade do Pensamento

The World Without Us, do jornalista norte-americano Alan Weisman (2007), propõe um grande experimento mental que seria imaginar a Terra "sem nós". Ao imaginar um futuro pós-humano, esse livro oferece uma perspectiva única para olhar profundamente os nossos efeitos no planeta e os inúmeros estresses atuais da Terra. Embora o experimento imagine o nosso desaparecimento, a obra sugere que a solução radical proposta não precisa depender da nossa morte, implicando que as lições aprendidas podem informar como vivemos agora. O final da obra traz uma reflexão a fim de questionar se a nossa inteligência nos torna especiais e se podemos usá-la para cooperar com o planeta em vez de causar o nosso colapso. Weisman usa a premissa hipotética de um mundo sem humanos como uma lente para analisar criticamente o nosso papel na Terra, destacando tanto a resiliência do mundo natural quanto a notável persistência das alterações e resíduos que deixamos para trás. Essa obra marca o início desse tipo de pensamento.

Eugene Thacker surge propondo uma visão de "mundo-sem-nós", onde há uma separação drástica entre o cosmos e a perspectiva humana, indicando que o mundo existe de forma independente e indiferente à nossa existência, emoções ou tentativas de compreendê-lo como um todo unificado e estável. Através da lente do Pessimismo Cósmico, o autor vê o mundo como algo fundamentalmente indiferente, carente de ordem necessária, separado da experiência humana e propenso à fragmentação e futilidade. Assim, ao propor essa fragmentação, Thacker mostra um mundo não uno, mas possivelmente múltiplo e indiferente a nossa existência ou que talvez não seja para nós.

Para pensar o problema de um mundo não humano, Thacker distingue três dimensões fundamentais da experiência humana em relação à capacidade de cognição e controle. De acordo com Pérez (2023), são eles: Mundo-para-nós (ou Mundo), compreendido e controlado pelo ser humano. É o mundo interpretado e dotado de sentido e racionalidade pela perspectiva humana, frequentemente através da filosofia e das ciências positivas. Tem um caráter marcadamente subjetivo e antropológico; Mundo-em-si (ou Terra), referindo-se às resistências encontradas na tentativa humana de controle e inteligibilidade do mundo. É um mundo num estado dado, inacessível, que se assume estar para lá do humano, mas que ainda pode entrar em relação com ele através do estudo científico; e, por último, Mundo-sem-nós (ou o Planeta). É o "resto", impossível de trazer ao conceito ou ao controle. É um mundo espectral e especulativo, que não pode coexistir com a presença ou intervenção humana. É impessoal e aterrorizante, situando-se entre o antagonismo e a neutralidade em relação ao humano. É um conceito cultural e científico que vai além do mundo subjetivo e da objetividade da Terra, entrando na escala cosmológica. De acordo com Thacker,

> The world-in-itself may co-exist with the world-for-us – indeed the human being is defined by its impressive capacity for not recognizing this distinction. By contrast, the world-without-us cannot co-exist with the human world-for-us; the world-without-us is the subtraction of the human from the world (Thacker, 2011, p. 13).

Thacker (2011) aponta que apesar de existir algo além do mundo que conhecemos e interpretamos — o que podemos chamar de “mundo-em-si” — essa realidade permanece sempre além da nossa plena compreensão, funcionando como um limite para o pensamento. Geralmente, nos lembramos mais claramente desse mundo-em-si quando ele se revela por meio de desastres naturais. As conversas sobre os efeitos em longo prazo das mudanças climáticas também trazem à tona essa noção, já que o fantasma da extinção humana paira silenciosamente sobre essas discussões. Com o auxílio de modelos avançados de previsão, até imaginamos como seria o planeta caso os seres humanos desaparecessem. Portanto, embora nunca possamos realmente vivenciar o mundo-em-si, parece que somos atraídos por ele quase que inevitavelmente, talvez porque represente um limite fundamental para a nossa identidade como humanos.

Para Eugene Thacker há uma distinção entre os três conceitos já mencionados: primeiro, o mundo-para-nós, que representa uma visão antropocêntrica; segundo, o mundo-em-si, que busca compreender a realidade como ela é, mas que levanta um paradoxo gerado pela ciência. Esse paradoxo é evidenciado na tentativa de analisar o mundo de forma isenta enquanto se deseja, ao mesmo tempo, intervir nele. Por fim, ele menciona o mundo-sem-nós, que é uma dimensão espectral e especulativa, abrangendo tanto as obras de horror quanto a

própria construção literária, que dialoga com outros autores e contribui para a reflexão sobre o mundo-em-si, evitando os paradoxos.

Em *Notes on Extinction and Existence (2012)*, Thacker diz que para o organismo individual, "vida" implica vida biológica dentro da dicotomia de vida e morte, crescimento e decadência. Um indivíduo pode morrer, mas não se "extingue". Para a espécie, "vida" está inscrita na especificidade de uma categoria e na dicotomia da existência e não existência de entidades dentro dessa categoria. Se organismos vivem e morrem, as espécies existem ou não existem. Dessa forma, a ideia da extinção humana implica a morte de todos os seres humanos, incluindo aqueles que pensariam essa ideia e testemunhariam sua realidade.

Na medida em que a extinção implica a negação de todo pensamento (incluindo o pensamento da extinção), a contradição está embutida na própria ideia da extinção humana. Para Kant, pensar a extinção parece implicar a extinção do pensamento. Isso leva ao dilema da "aniquilação especulativa": a ideia de um estado negativo que implica a negação do próprio pensamento. Extinção é sempre especulativa, real, mas não empírica. Não existem dados sensoriais que nos deem acesso à experiência da extinção, já que quando algo desaparece esse "algo" que desapareceu se torna abstrato. A extinção é, portanto, empírica apenas no sentido estritamente científico, mas não no sentido filosófico, no qual a extinção não é nem fenomênica nem experiencial (Thacker, 2012).

Dentro desse contexto, distinguem-se dois tipos de extinção: relativa e absoluta. A extinção relativa refere-se à cessação da vida de todos os membros de uma espécie, mas a própria categoria da espécie permanece. A extinção absoluta, por sua vez, é um conceito mais profundo que abrange a extinção de todos os seres vivos e a não existência da categoria da espécie em si, levando à extinção do próprio Ser. Há um movimento no "organon da extinção" que vai do perecimento (extinção do vivente), à extinção da vida (extinção relativa), e, por fim, à extinção do Ser (extinção absoluta) (Thacker, 2012).

Schopenhauer, considerado um "arquipessimista" frequentemente referenciado por Thacker, identificou a "grande mentira da cultura ocidental – a preferência pela existência em detrimento da não existência". A crise climática confronta a humanidade com a possibilidade de sua própria não existência ou de uma existência drasticamente diminuída, o que poderia ser visto como a "desmistificação" dessa "mentira" a partir de uma perspectiva pessimista. Sobre isso, Thacker nos diz:

> Who is the witness of extinction? In the case of the extinction of all human beings, who is it that gives testimony to this extinction, to the very thought of extinction? In this sense, human extinction can never be fully comprehended, since its very possibility presupposes the absolute negation of all thought, insofar as thought is understood to be the privileged way in which we as human beings account for ourselves and make meaning of the world. There is no sensory data that would give us access to the experience of extinction; something vanishes, and that something that has vanished bears some ambivalent relation to the death of individual living beings. But that something that has vanished was always abstract to begin with. Extinction is empirical only in the strictly scientific sense, although not in the philosophical sense; extinction is neither phenomenal nor experiential (Thacker, 2012, p. 144).

Para Acosta (2013), a confrontação com um mundo radicalmente inumano, impessoal e indiferente abre o ciclo fechado da política e quebra as analogias tradicionais entre cosmologia e política (Deus e soberano, cosmos e Estado). A

questão é o que acontece com o conceito de política diante disso. É preciso tornar a sobrevivência primária, contrastando com a ideia de que é preciso sobreviver primeiro para depois viver. A vida como tradicionalmente concebida é vista como uma espécie de "religião ou moralidade da vida", que pressupõe uma natureza familiar à qual nos ajustamos facilmente. No entanto, diante de condições como mudanças climáticas irreversíveis, essa concepção não é mais útil. A sobrevivência, nesse novo sentido, é uma atividade ativa, um conjunto de práticas não triviais que se opõem à vida como religião ou moralidade. O que não pode ser controlado, o que é inominável e impensável — é apresentada como o caminho para além da identidade e dos objetivos políticos tradicionais.

Ética da Irrelevância e suas Implicações para a Ação e a Reflexão Ambiental

Diante do cenário contemporâneo, caracterizado pela onipresença da exposição digital, pela intensificação das crises ecológicas globais e pelo avanço das discussões em torno do pós-humano, torna-se essencial repensar os modos como concebemos a inovação. Esta não se apresenta apenas como ruptura, mas também como fruto de uma repetição seletiva, capaz de produzir diferença e sentido dentro da própria continuidade. Essa ideia sugere que, mesmo em um mundo em que as entidades parecem separadas, todas estão profundamente interligadas e dependentes umas das outras. Essa interconexão nos convida a repensar a natureza da novidade e como ela pode surgir não apenas de ações humanas, mas também das interações complexas entre diferentes entidades. Além disso, é crucial considerar o papel dos agentes não humanos que, assim como os humanos, possuem valor e são capazes de agir e expressar suas próprias "necessidades e valores", conforme aponta Shaviro (2014).

De acordo com Vital, Restofe e Tejerina-Garro (2025), a ética no século XX, no campo ambiental, foi marcada pela ascensão da Ecologia Profunda de Arne Naess, que propôs uma ética biocêntrica baseada no valor intrínseco de todas as formas de vida e na descentralização do humano, influenciada pelo pensamento de Spinoza. Essa abordagem ética, embora influente, também gerou debates sobre sua praticidade e universalidade, especialmente no contexto da conservação da biodiversidade no final do século. Contudo, trata-se de uma abordagem centrada no mundo-em-si, não redutível ao controle humano, mas classificável e relacionável por via científica e pelos afetos.

Nesse contexto, o Pessimismo Cósmico proposto por Eugene Thacker oferece uma perspectiva filosófica que ressoa com a sensação de futilidade e insignificância que pode acompanhar a contemplação da crise ecológica. O humano é situado em um cosmos indiferente, destacando a inevitabilidade do fracasso em relação a grandes iniciativas, como a de "salvar o planeta" ou a própria existência humana diante da possibilidade de "danos transcendentais". Portanto, há o desafio do antropocentrismo e o confronto do ser humano com sua vulnerabilidade e o destino incerto de um mundo compartilhado com entidades não humanas.

Pérez (2023) também aborda o Pessimismo Cósmico como um desafio ao antropocentrismo. Em sua visão, o Pessimismo Cósmico de Schopenhauer, na visão de Thacker, vai além dos outros tipos de pessimismo ao questionar a divisão entre o sujeito humano e o mundo não humano, apontando para um “mundo-sin-nosotros” que é radicalmente desconhecido e inumano. Seu propósito é desenvolver um pensamento que transcenda o antropocentrismo, o controle e o

entendimento humano. A frase "é melhor não ser" sintetiza essa visão de indiferença cósmica.

O pessimismo na visão de Thacker não é meramente uma "má atitude" ou uma posição de desespero no sentido comum. Em vez disso, ele o descreve como a "introdução de humildade no pensamento". Esta humildade reconhece o perigo do pensamento deslizar para a futilidade, o que não é necessariamente uma falha, mas uma constatação. De acordo com o filósofo:

> Futility arises out of the grim suspicion that, behind the shroud of causality we drape over the world, there is only the indifference of what exists or doesn't exist; whatever you do ultimately leads to no end, an irrevocable chasm between thought and world (Thacker, 2015, p. 15).

A ideia da extinção da espécie "força uma espécie de humildade ao pensamento, e até mesmo, em alguns casos, um confronto com a futilidade do pensamento" (Dekeyser, 2020, p. 377 – tradução nossa). Reconhecer que a humanidade pode ser "uma causa perdida" é parte dessa humildade. A humildade também se manifesta na sua busca por um "conceito inumano de vida", que não seja antropomórfico ou antropocêntrico, e na sua crítica à "ilusão antropocêntrica de um mundo 'humano'" (Dekeyser, 2020, p. 368 – tradução nossa). Ele tenta traçar os limites do pensamento humano diante do desconhecido e do ininteligível, o que exige humildade. Portanto, significa abandonar as pretensões da filosofia de oferecer explicações totalizantes, soluções ou dominar a realidade. Em vez disso, é um convite a confrontar a futilidade, a indiferença cósmica e a limitação inerente do pensamento humano, aceitando uma "filosofia em ruínas" e a insignificância do "humano" em um cosmos indiferente (Dekeyser, 2020).

A noção de extinção humana envolve a morte de toda a humanidade, inclusive daqueles que seriam capazes de conceber essa ideia ou de relatar sua ocorrência. Isso introduz uma contradição fundamental: ao imaginar a extinção, pressupomos a existência de alguém para pensá-la ou narrá-la, o que se torna impossível se ela realmente ocorrer. Thacker trata a extinção como um limite extremo do pensamento, algo que a filosofia não pode vivenciar nem compreender plenamente sem encarar o paradoxo da "aniquilação especulativa", ou seja, a ideia de que refletir sobre a extinção equivale a pôr em xeque a própria possibilidade de pensar. Nesse sentido, a extinção impõe ao pensamento uma forma de humildade, como mencionado anteriormente, ao revelar a possível inutilidade do esforço humano diante do fim absoluto (Thacker, 2012).

Percebe-se que *Cosmic Pessimism* traz uma perspectiva não antropocêntrica que confronta a indiferença fundamental do cosmos com a existência e as preocupações humanas. Há uma exploração entre o abismo e a ideia de extinção, situando-se fora dos quadros filosóficos ou políticos tradicionais e assemelhando-se mais a uma forma de mística ou um estado de pensamento difícil sobre o mundo-sem-nós. Este é um "mundo espectral e especulativo" que procura ver a Terra como um planeta impessoal e os humanos como nada mais do que outro tipo de animal na sua superfície. Segundo Sczesny (2021), apesar de ser avassalador, o confronto com a irrelevância e a dissolução do eu pode levar a um tipo de "libertação pessimista" ou tranquilidade. Aceitar a irrelevância humana oferece uma forma de liberdade.

É possível inferir que, embora algumas correntes procurem valor intrínseco na natureza para além do uso humano, como é o caso da Ética

Biocêntrica e da Ecocêntrica, muitas ainda operam dentro de um quadro que considera a agência e responsabilidade humana como centrais para a proteção ambiental. Mas diante da visão filosófica de Thacker, essa ética humana, incluindo a ambiental, é algo limitado e insuficiente para pensar o mundo não humano. Isso nos leva a questionar se a própria premissa das ações éticas humanas para "salvar" ou "melhorar" o ambiente têm realmente qualquer significado ou impacto relevante na escala cósmica ou perante a essência indiferente do mundo. A preocupação ética humana parece insignificante diante desta vasta indiferença.

A obra *Cosmic Pessimism* é capaz de desmantelar as bases conceituais sobre as quais a Ética Ambiental tradicional se apoia: a relevância da agência humana, a possibilidade de controle ou melhoria do ambiente, o valor intrínseco da vida ou do planeta perante a indiferença cósmica, e a ideia de que "ser" é intrinsecamente bom ou digno de proteção. A Ética Ambiental, vista da perspectiva do Pessimismo Cósmico pode falhar perante o confronto com a realidade mais profunda do "mundo-sem-nós". As tentativas atuais de enquadramento da mudança climática não são suficientes para abranger a sua realidade total. Nesse contexto, o pessimismo surge como uma forma de organizar sem esperança, mas que abre possibilidades para experimentar novas formas de justiça, ética, política e razão que são sem precedentes.

Diante do cenário atual de crise ambiental, talvez seja o momento de repensar atitudes e admitir a insignificância humana diante da escala cósmica. O ser humano não deve ser pensado como o centro de tudo ou como o “herói” capaz de salvar o planeta. É preciso enxergar as próprias limitações e agir de forma mais humilde. Enquadrar a mudança climática como um “problema" impede a compreensão da sua natureza estrutural. A civilização humana precisa aprender a "morrer" de uma forma criativa e justa, ou seja, adaptar-se e transformar suas formas de organização para coexistir de maneira menos destrutiva com a Terra. Assim, a Ética Ambiental contida no Pessimismo Cósmico pode ser classificada como uma Ética da Irrelevância ou da Humildade de Pensamento que insta a repensar de maneira radical nossa postura em relação ao planeta.

Referências

ACOSTA, Alejandro de. Green Nihilism or Cosmic Pessimism. **The Anvil Review**, 20 nov. 2013. Disponível em: https://theanvilreview.com/2013/11/20/green-nihilism-or-cosmic-pessimism/ . Acesso em: 10 jun. 2025.

DEKEYSER, Thomas. Pessimism, Futility and Extinction: An Interview with Eugene Thacker. **Theory, Culture & Society**, v. 37, n. 7-8, p. 367–381, 17 mar. 2020. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0263276420907127 Acesso em 10 jun. 2025.

LAUGESEN, Martin Hauberg-Lund. Tænkning i planetens skygge: Eugene Thacker og kosmisk pessimisme. **Paradoks**, 2020. Disponível em: https://paradoks.nu/2020/08/27/taenkning-i-planetens-skygge-eugene-thacker-og-kosmisk-pessimisme/ . Acesso em: 3 mai. 2025.

PÉREZ, Adrián Santamaría. Es mejor no ser: Entre Schopenhauer y Eugene Thacker. **Numinis Revista de Filosofía**, n. 2, p. 551–577, 2023. Disponível em:

https://www.academia.edu/download/110036164/Numinis_Revista_de_Filosofia._Epoca_1_N._o_2_2023_pp._551_577.pdf Acesso em 8 ago. 2025.

SCZESNY, Maxwell. Abandon all hope: sublime horror film and pessimistic liberation. **Aporia**, v. 31, n. 1, p. 52–64, 2021. Disponível em: https://aporia.byu.edu/pdfs/sczesny-abondon_all_hope_sublime_horror_film_and_pessimistic_liberation.pdf Acesso em 10 ago. 2025.

SHALAGINOV, Denis. Pictures without people. **Stasis**, v. 7, n. 1, p. 538–541, 2019. Disponível em: https://stasisjournal.net/index.php/journal/article/download/141/226 Acesso em 25 ago. 2025.

SHAVIRO, Steven. **The universe of things: on speculative realism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

SHELDON, R. Dark Correlationism: Mysticism, Magic, and the New Realisms. S**ymplokē**, v. 24, n. 1-2, p. 137–153, 2016. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.5250/symploke.24.1-2.0137 Acesso em 14 jun. 2025.

THACKER, Eugene. **In the dust of this planet**. Alresford: Zero Books, 2011.

THACKER, Eugene. Notes on Extinction and Existence. **Configurations**, v. 20, n. 1, p. 137–148, 1 mar. 2012. Disponível em: https://muse.jhu.edu/pub/1/article/500562/summary Acesso em 04 jun. 2025.

THACKER, Eugene. **Cosmic pessimism**. Minneapolis: Univocal Publishing, 2015.

VITAL, André Vasques; RESTOFE, Loana Rodrigues; TEJERINA-GARRO, Francisco Leonardo. Biodiversity: ethics and aesthetics in the decentralization of the human in Deep Ecology and Vital Materialism. **Revista Enunciação**, v. 10, n. 1, p. 189–214, 2025. Disponível em: https://www.editorappgfilufrrj.org/enunciacao/index.php/revista/article/view/233/268 . Acesso em: 2 mai. 2025.

WEISMAN, Alan. **The world without us**. New York: St. Martin's Thomas Dunne Books, 2007.

Recebido em: 10/2025
Aprovado em: 05/2026